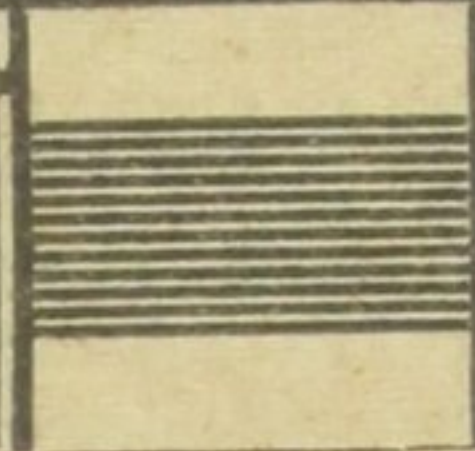


1.9.1929

leite crioulo

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero XIII



direcção de
João Dornas Filho,
Achiles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

PAULO PRADO, « paulistica » e varias coisas

UMA PAGINA DE ASCANIO LOPES

Martins de Oliveira chamou Paulo Prado de moderno. Não concordo. Para mim Paulo Prado não tem esa ansia do novo, esa procura e esas tendencias gerais que caracterizam o moderno. E' apenas um espirito equilibrado, um obiservador curioso do movimento geral das idéas novas. O sujeito simpatico e inteligente que observa elegantemente a grita contemporanea, sem entrar nela, sem combate-la. Uma inteligencia á parte, uma cultura, uma pena que ainda não fixou a sua maneira de ser, nem ainda se decidiu por uma afirmação ou por uma negativa. Alguem que pouco escreve por ser instavel. Instabilidade originada da cultura.

O tipo do homem que, podendo explorar qualquer assunto, fala discretamente sobre poucos. Modestamente. Um deses João Ribeiro que se não entram no gosto da gente pelo que escreveu, entram pelo lado da simpatia, pelo que pensam.

E quando um espirito como Paulo Prado resolve enfrentar um assunto, uma questão, não sai nunca coisa igual a dos outros. Paulistica é a prova. Paulo Prado estudando nossa istoria, não o fez á moda dos colecionadores de datas e de nomes, nem á maneira dos que procuram atrair com o escandalo de teorias e descobertas novissimas (Asis Antra) nem como os romancadores dos fatos (Paulo Setubal), obiserverdor frio e imparcial que muitas vezes espõe o fato, sem dar sua apreciação. Paulo Prado não avança ideas violentamente. Mas discretia com elegancia. Mas espõe coisas para que nós mesmos sejamos forçados á conclusão. Sem atacar as ideas constituídas. Sem o fetichismo por elas. Em Paulistica é felicissimo, sobretudo nos pontos em que estuda o despejo das povoações paulistas motivadas pela caça ao indio.

Piratininga despovoada em 1626 "pelos moradores serem ido ao Sertão". E quando fala na grandeza, decadencia e rejeneração de S. Paulo. E sobria, um pouco discreta a descrição do movimento bandeirante. Influencia de Gypistrano? Não creio que Paulo Prado acompanhe seu mestre nese ponto. Mesmo porque os documentos e os

fatos provam que o caso das descedidas de gentio foi uma consequência do espirito do seculo. Era o tempo em que a escravidão chegara á perfeição.

A Africa já circumnavegava. E as correrias do proprio gentio e a sua indomabilidade. E a falta de braços. E o ezemplo alemão na Venezuela. E o ezemplo espanhol no Mexico. E os sabios e os justos da época que julgaram a força a unica coisa decisiva. Anchieta dizendo que para os indigenas melhor pregação não havia que a espada e a vara de ferro. Mas nos paulistas, ececionalmente, predominou o espirito da aventura, a inquietude, a procura. Nos espanhois a ambição. Garbolion: Los paulistas no hacen mucho caso del oro, y prefieren maloquear indios. O fato é que as bandeiras — preadoras de indios, descobridas de ouro devasaram o Brasil, aumentaram prodigiosamente os sertões.

Eu continuo por iso a admirar os bandeirantes. E pelo que passaram tambem.

As bandeiras diversas, de caça dos indios, de procura de ouro e pedras, de aventura devasamento. O movimento de prosperidade que marca os logares de mineração. A aristocracia de então. A contradança da civilização que brilha momentaneamente nos logares ricos, e onde chega o café. Rezende. Paraíba. As grandes familias cafezistas. Os Breves. Os Teixeira Leite. O periodo de civilização Olandeza. Ese bruxotear de civilizações que nadem e morrem com a prosperidade dos logares. Tudo demonstra que nossa istoria não está cheia de frases e frases bonitas só. Nos fugimos nese ponto ao gosto latino de declamação nas oras solenes. Somos diversos. Temos muita coisa feita, muita coisa nobre mesmo, pouca palavra. E será com estudos bonitos como Paulistica sobre eses e outros pontos de nosa istoria que perderemos a cisma com a pobreza e pouco interese de noso passado. E ficaremos sabendo que somos grandes porque decendemos de gigantes. E porque os igualamos e porque os superamos. E nos olhos inquietos do homem dagora brilhara a certeza do proprio valor.

bichinha de casa...

Pra leite crioulo

Negrinha...
Vestida de branco engomado
bem alvo...

De dentes bem alvos
Bem fortes se rindo pra tudo...

Negrinha assejada
Tem nõjo de tudo...
Com gritos manhosos... espan-
(tados:)

—Ui! Ui!

Muléca
Ouvida
Cheirada
Por todos de casa...

Se lembra de tudo...

A fala uma fala
Cantada
Dengosa
Que até se parece
Com a fala da dona
Da casa...

(Natal)

Jorge FERNANDES

5 noticias

1 — Eugenio Alvaro Moreyra realizou hontem, em S. Paulo, um recital de poesia brasileira.

2 — Tristão de Athayde tem a sair: "Estudos" (3ª série).

3 — Movimento Brasileiro, a revista de Renato Almeida, já publicou o numero de agosto (8º).

4 — Jorge de Lima editou "Novos Poemas", bellissima edição.

5 — Sanatorio, livro póstumo de Ascanio Lopes, aparecerá brevemente.

PARANA'

(pra leite criôlo)

Francisco L. MARTINS FILHO

O pinheiro,
como um foguete de S. João,
atirou-se verticalmente contra o céu cinzento
e abriu o amplo leque de lágrimas verdes.
E outro foguete...
Mais outro...
E uma porção de foguetinhos...
E todos se atiraram verticalmente contra o céu cinzento,
e abrindo os amplos leques de lágrimas verdes,
ficaram rectos,
immoveis,
indifferentes aos ventos
e aos poetas que os banalizam.

capítulo y

Depois éla se aproximou de mim
como um bom dia amavel.

Olhou para os lados. Temendo
a sombra da noite. E falou coisas
confusas e idiotas. Cheias de li-
vros, viagens sentimentais a bor-
do dos veleiros americanos.

Vontade de ir vêr os lagos de as-
falto tambem. Olhar as ilhas po-
voadas de negros, mamelucos, in-
glezes, americanos fugidos de Nova
York com as datilógrafas.

A confusão assucarava os labios
dêla.

Tem. Temi as folhas que anun-
ciavam doenças, renuncias, a vida
parada na lagôa limpa de sereias,
sem pecado, sem outra água mais
forte para embriagar.

Vieram buzinas, poeira, confu-
são.

Os amores gritavam absurdamen-
te claros. Ao alcance da primeira
tentativa.

Estavam quasi afogadas as vibra-
ções anteriores. Caiam já as notas
dos sinos acenando á luz fraca.
Bem desequilibrada por detraz das
casas.

De sopetão: o tinteiro se entor-
nou de vez.

Nós dois eramos mais sombrios.

Um automovel. A vertigem das
caminhadas no entrelaçamento
caminhos.

Os pés doiam horrivel-
mente. Gritava o vestido e
sombra.

Então as coisas fa-
ram. Bonitas como
choeiras chegando

(Do ABC da

Ladrão de bode

pra leite criôlo.

Cessaram as ultimas neblinas.

No baixio, por traz dos cercados,
aloirava o milhoal, enquanto o sol
de junho começava a crestar a pasta-
gem, a seccar os poços do rio.

Aos accordes da satisfação, grupos
de mulheres e creanças desciam ac-
romper do dia para as roças, sacos a
tiracollo para a colheita dos capulhos
de algodão, enquanto os homens car-
regavam malas de couro cru', pejudas
de espigas de milho recco.

Ao meio dia, suspendiam a azáfama
para o almoço: angu' de milho com
carne de cabra e tacos de rapadura
e cuscus com leite.

Foi nessa ocasião que o "Zé de si-
nhá Firmina", chegou-se á Francisqui-
nha. Trocaram um gracejo que mal
disfargava uma caricia.

Eram noivos e o casamento estava
marcado para Sant'Anna.

— Vái á feira amanhã?, perguntou
a moça.

— Vou.

— Tenho uma encommenda.

— Juro que é um frasco de cheiro.

— Não...

— Um registro da Virgem?

— Não.

— Uma medida de S. Sebastião?

— Nada... Só amanhã direi.

O rapaz sorriu, a moça tambem sor-
riu e ficaram instantes a conversar
com os olhos. Depois cada um se foi
para o trabalho.

No dia seguinte, ás primeiras horas
da manhã, Zé recebia da noiva uns
couros de cabra:

— E' p'ra vender.

— Não queres alguma cousa?

— Não; traga o dinheiro que é de
meu pai.

O rapaz sahiu alegre, chôtando no
seu russilho. Chegou á feira, accendeu
um cigarro. Mal, porém, expunha á
venda a mercadoria recebida em casa
da noiva, e era preso.

— Ladrão de bode! foi o murmu-
rio dos circumstantes.

— Que?! perguntavam em voz alta,
aquelle bichão forte era quem fur-
tava os bodes do major Silva?

— Que lástima!...

E lá se foi o pobre Zé aos empur-
rões, aos apupos, bestializado pela
surpresa, sem se julgar com o direito
de contar a verdade.

Ladrão de bode!... mas aos olhos
do sertanejo não podia haver maior
degradação!

E o pobre Zé—de—sinhá—Firmina
foi preso, interrogado, surrado custo-
diado, e, após dois mezes de reclusão,
quando-o soltaram, em vez de ir á ca-
sa da noiva exprobar-lhe o procedi-
mento, preferiu procurar, muito longe,
um canto do mundo onde podesse vi-
ver em paz com a saudade do seu
amor, com o segredo de sua vergo-
nha!

Parahyba do Norte, 1929.

COROLANO DE MEDEIROS.

PARANA'

(pra leite crioulo)
Francisco L. MARTINS FILHO

O pinheiro,
como um foguete de S. João,
atirou-se verticalmente contra o céu cinzento
e abriu o amplo leque de lágrimas verdes,

E outro foguete...

Mais outro...

E uma porção de foguetinhos...

E todos se atiraram verticalmente contra o céu cinzento,
e abrindo os amplos leques de lágrimas verdes,
ficaram rectos,

immoveis,

indifferentes aos ventos

e aos poetas que os baaallavam.

capítulo y

Depois éla se aproximou de mim
como um bom dia amavel.

Olhou para os lados. Temendo
a sombra da noite. E falou coisas
confusas e idiotas. Cheias de li-
vros, viagens sentimentais a bor-
do dos veleiros americanos.

Vontade de ir vêr os lagos de as-
falto tambem. Olhar as ilhas po-
voadas de negros, mamelucos, in-
glezes, americanos fugidos de Nova
York com as datilógrafas.

A confusão assucarava os labios
dêla.

Tem. Temi as folhas que anun-
ciavam doenças, renuncias, a vida
parada na lagôa limpa de sercias,
sem peccado, sem outra água mais
forte para embriagar.

Vieram buzinas, poeira, confu-
são.

Os amores gritavam absurdamen-
te claros. Ao alcance da primeira
tentativa.

Estavam quasi afôgadas as vibra-
ções anteriores. Caiam já as notas
dos sinos acenando á luz fraca.
Bem desequilibrada por detraz das
casas.

Do sopetão: o tinteiro se entor-
nou de vez.

Nós dois eramos mais sombrios.

Um automovel. A vertigem das
caminhadas no entrelaçamento dos
caminhos.

Os pés doiam horrivelmente. Ain-
da gritava o vestido envolvido de
sombra.

Então as coisas fatais se aclarar-
am. Bonitas como a voz das ca-
choeiras chegando a manhã.

(Do ABC da Sorte Grande).

GUILHERMINO CESAR

Ladrão de bode

pra leite crioulo.

Cessaram as ultimas neblinas.

No baixio, por traz dos cercados,
aloirava o milhoal, enquanto o sol
de junho começava a crestar a pasta-
gem, a seccar os poços do rio.

Aos accordes da satisfação, grupos
de mulheres e creanças desciam ac-
romper do dia para as roças, sacos a
tiracollo para a colheita dos capulhos
de algodão, enquanto os homens car-
regavam malas de couro cru, peçadas
de espigas de milho secco.

Ao meio dia, suspendiam a azáfama
para o almoço: angu' de milho com
carne de cabra e tacos de rapadura
e cuscus com leite.

Foi nessa occasião que o "Zé de si-
nhá Firmina", chegou-se á Francisqui-
nha. Trocaram um gracejo que mal
disfarçava uma caricia.

Eram noivos e o casamento estava
marcado para Sant'Anna.

— Vái á feira amanhã?, perguntou
a moça.

— Vou.

— Tenho uma encomenda.

— Juro que é um frasco de cheiro.

— Não...

Um registro da Virgem?

Não.

— Uma medida de S. Sebastião?

— Nada... Só amanhã direi.

O rapaz sorriu, a moça tambem sor-
riu e ficaram instantes a conversar
com os olhos. Depois cada um se foi
para o trabalho.

No dia seguinte, ás primeiras horas
da manhã, Zé recebia da noiva uns
couros de cabra:

— E' p'ra vender.

— Não queres alguma cousa?

— Não; traga o dinheiro que é de
meu pai.

O rapaz sahiu alegre, chôtando no
seu russilho. Chegou á feira, accendeu
um cigarro. Mal, porém, expunha á
venda a mercadoria recebida em casa
da noiva, e era preso.

— Ladrão de bode! foi o murmu-
rio dos circumstantes.

— Que?! perguntavam em voz alta,
aquelle bichão forte era quem fur-
tava os bodes do major Silva?

— Que lástima!...

E lá se foi o pobre Zé aos empur-
rões, aos apupos, bestializado pela
surpreza, sem se julgar com o direito
de contar a verdade.

Ladrão de bode!... mas aos olhos
do sertanejo não podia haver maior
degradação!

E o pobre Zé—de—sinhá—Firmina
foi preso, interrogado, surrado custo-
diado, e, após dois mezes de reclusão,
quando o soltaram, em vez de ir á ca-
sa da noiva exprobar-lhe o procedi-
mento, preferiu procurar, muito longe,
um canto do mundo onde podesse vi-
ver em paz com a saudade do seu
amor, com o segredo de sua vergo-
nha!

Parahyba do Norte, 1929.

CORIOIANO DE MEDEIROS.

8-9-1929

leite crioulo

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero XIII



direcção de
João Dornas Filho,
Achilles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

Historia de minha pontade iusatisfeita

Você foge de mim
desencosta o seu braço do meu.
Mesmo assim eu espero
meu Deus
o seu braço agarrar-se no meu.

Sei que tem um desejo na carne,
éla estremece me vendo.
Porisso não perco a esperança
de ter o seu braço encostado no meu.

A recusa eu recebo descrente
porque sei
que esse campo selvagem deseja
um grito de sol que o povôe
um grito de sol que o magôe
tendo o braço enlaçado no meu.

GUILHERMINO CESAR.

Sanata de noite e de dia

Quando o sol sumiu e tudo escureceu
não se acenderam as luzes da cidade.
A tua tristeza invadiu todas as ruas
e cobriu todas as lampadas com um
veu preto.

Quando o sol veio e tudo se aclarou
ficaste tonta de tanta alegria
que o teu riso invadiu todas as coisas
e poz umas lampadas bonitas
nas ruas rectas do meu coração.

JOSE' GUIMARAES ALVES.

3 noticias

1 — Cyro dos Anjos vai publicar
"Wildes do Espaço" — crónica de
viagem á Terra de Didi — prefacio do
sr. Edmundo Haas.

2 — João Alphonsus, critico lite-
rario do ESTADO DE MINAS, vai
reunir em volume, edição da casa
Oliveira Costa, as suas crónicas se-
manaes.

3 — O pequeno escritor Olavo Au-
gusto Maia tem no préto, para breve,
a "Canção do sapo jururu".

Nocturno

(Pra leite crioulo)

Os sapos gemem de amor no fundo da lagôa
O amor é doloroso não sei porque.

Os sapos confabulam coisas secretas no fundo da lagôa
Coisas secretas e insignificantes
Vamos depôr o sapo-Rei.
E os homens tramam, tramam.
E as estrellas continuam não ligando pras coisas da terra
com uma displicencia pedante.

Os sapos gemem de amor no fundo da lagôa
Le Beau pour le crapaud c'est la crapaude.

1929

ROGERIO PICANÇO.

sangue mineiro

Esta é a ultima produção da Fêbo
Brasil Filme de Cataguazes. Humberto
Mauro, o director da empresa, anun-
cia entretanto uma outra, Ganga Bru-
ta, para muito breve. Humberto não
conhece a fadiga e a inação, progredindo sempre.

Que êle progrediu, tivemos ocasião
de constatar outro dia, quando se exi-
biu no Gloria, para a imprensa da Ca-
pital, o bem feito SANGUE MINEIRO.
Com que alegria vimos essa historia
bonita, comoverte e bem interpretada.
A "estrela" Carmen Santos compre-
endeu o seu trabalho. E' inteligente, e
a brasilidade que tão naturalmente en-
carna perturba o espectador e presti-
gia uma vocação.

Nita Ney evoluiu consideravelmente,
assim como Luis Sorôa, o que não
olhou para a máquina em "Braza Dor-
mida".

Maurý Bueno, no papel de Christo-
van, esteve esplendido, notando-se que
é esta a primeira vez que êle enfren-
ta o camera-man.

D. Augusta, a velha mineira de cos-
tumes austeros, tradicionalista e sen-
timental, constantemente voltada pa-
ra as coisas antigas que vêm da sim-
plicidade e da nobreza de character, é
uma figura altamente digna de nota.
E Maximo Serrano, que outro dia mes-
mo nos surprehendia em Braza, tem
agora um papel igualmente sentimental
de filho devotado, continuandor da-
quelas tradições.

Fantol, o industrial Sampaio; Fran-
co, o elemento de alta comicidade; e,
finalizando, o pequeno Eloy Sone, au-
tor de criaçadas bonitas, portanto ir-
revêrentes, todos se mostraram di-
gnos de atenção e aplausos.

O enredo se desenvolve aqui em
Belorizonte, emoldurado de canários
encantadores.

Deixamos para mais tarde uma noti-
cia detalhada. A de agora apenas re-
gista o aparecimento, no mercado, de
"Sangue Mineiro", e quer apresentar a
Humberto Mauro, de quem se pode es-
perar realizações magnificas no abraço
brasileiro do pessoal de leite crioulo.

Uma coisa: as legendas são de Hen-
rique de Resende, um dos directores
de VERDE, e vivem claras, sem exa-
gero, feitas para a gente ver e gostar.

Arte e artificio

Na realização estética não sabemos
traduzir exactamente com palavras on-
de começa a arte e onde termina o
artificio. Entretanto sentimos os va-
lores do poema, da musica e demais
elementos do que se convencionou
chamar "arte productora do bello".
Assim, vemos na literatura dois estre-
mos: a literatura e a literatice. Pare-
ce subtil a differença. Em realidade
não é porque atingimos perfeitamente
os mais leves matizes que medeiam en-
tre ambos. O que não raro acontece
é só querermos ver o que nos convem,
provindo dai as modas, moldes, escolas,
etc., onde só predomina a literatice.
Nem sempre todavia são nocivos os
agrupamentos literarios em que os
componentes se ligam pelo mesmo
gosto ou genero no feitio da compo-
sição. Agrada a literatice quando bem
feita, agrada e diverte autor e leitor
em parte iguaes. Cansa quando repe-
tida porque a produção literaria está
compreendida no triangulo formado
pela arte, artificio e assunto. São per-
feitos os triangulos que possuem os
tres angulos na mesma dimensão. Em
algumas regiões do mundo certo an-
gulo é sempre mais aberto. Na França,
por exemplo, ha excesso de artificio na
sua actual literatura, devido á imensa
produção do passado que esgotou os
assuntos ao alcance do francez. Na
America ainda ha muito que desco-
brir. Serão os descobrimentos facili-
tados pelo americano si conseguir des-
viar os olhos da Europa! Conservando
as qualidades e os defeitos que o Des-
tino lhe deu, encontrará mais sabor
no seu trabalho. O ezito está apenas
na felicidade com que souber delinear
triangulos com arte, assunto e artifi-
cio.

YAN DE ALMEIDA PRADO.

leite criôlo

15.9.929

capítulo x

(do ABC da sorte grande)

Palavra que eu estive com receio da chuva propria naquêles casos de ventura anónima. A chuva impertinente da ternura.

Felisberta sorria. Felisberta sorria a proposito de tudo. Nem que tivesse de chorar depois.

A ternura estava a pique de se transformar em pranto livre, a correr sem barreiras na frente. Sem barreiras, porém maculando a carne iluminada.

Não tínhamos piano. Só a vitrola poderia berrar desconcertante. E seria louvavel o aparecimento do garoto que estendia as mãos a quem chegasse, mesmo sobraçando embrulhos.

As cadeiras tortas e lustrosas dariam pressa e estimulariam o sabor de coisas impossiveis. E o sono viria depois correr o corpo. Desejava que êle viesse para eu lembrar. Lembrar.

A sorte pequena dos primeiros temores e caricias ingenuas. Estava longe e tão vaga como Felisberta perto de mim.

Receios da primeira ternura sufocada dentro da geometria e do livro verde. Clareza de voz metalica e confusão de contrações nervosas.

Tudo surgia nebuloso e incapaz. Porém da balburdia inicial eu extraía desejos recurvos.

O primeiro automovel tentou a sorte grande. Mas as arvores tremeram assustadas e a nuvem grossa ameaçou do céu.

Guilhermino Cesar

pedra derrubada...

especial pra "leite criôlo"

Foi por causa do corisco...
Vem rolando...
Vem rolando...
E estrondando...
E zôa noutras serras
Echôando

Tira fogo nas pontudas
E vem rolando...
Vem fazendo uma picada
Derrubando as arueiras
Catingueiras
Mororões...

E com ela vem um bando
De pedras grandes e meudas
E se amortecem de repente
Lá embaixo...
Quando a agua vem chegando
Das enchentes
Vae levando
As pedras soltas espantadas do corisco...

(Natal).

JORGE FERNANDES.

Inquietação

especial pra "leite criôlo".

Eu estou com ansias de andar de um lado pra outro
Com ansias de locomover esta inquietação subtil
Ha qualquer coisa que não cabe nas paredes do meu corpo
O diagramma das paixões tem uma linha quebrada de angulos violentos
Tem uma linha quebrada de angulos violentos
E ha uma angustia infinita nos angulos agudos

Porque este gosto de amar renunciando
O amor volta pra dentro amargo.
Eu estou com ansias de andar de um lado pra outro
Com ansias de locomover esta inquietação subtil

A felicidade, quem sabe, está a dois passos
Ou a infelicidade. meu Jesus. A infelicidade, positivamente.
Os olhos della são promessas de tragedias.
Oh, são promessas de tragedias.

Porque este gosto de amar renunciando
Tambem não vale a pena recriminar-se
Nem dizer que as folhas cahem indifferentemente
Que o mormaço lá fóra lambe os portaes com reflexos luminosos

Porque não dizer tudo num folego e abraçal-a nos braços
Violentemente
Sem delicadezas nem escrupulos romanticos

O amor. O momento presente. Pra que pensar em difficuldades
Pra que?
1929.

Rogério PICANÇO.